

UMA RETROSPECTIVA DO INSTITUTO DE QUÍMICA DA UNICAMP *

Claudio Airoidi

Instituto de Química, Universidade Estadual de Campinas, Caixa Postal 6154, 13.081- Campinas (SP)

Recebido em 13/11/86

Cópia revista recebida em 17/12/86

Nesta sessão solene do Instituto de Química que se realiza para comemorar os 20 anos da UNICAMP, desejaria fazer uma retrospectiva do Instituto.

Procurarei juntar os fatos isolados e compor um quadro mais completo. Não é minha intenção deixar um documento definitivo da história do Instituto, mas, como decano, contribuir para recuperar um pouco da nossa história. Nesta retrospectiva, devemos olhar para trás, dar um mergulho no passado, pois, na trajetória deste que lhes fala, existe uma parcela da história deste Instituto.

Para estabelecer um marco inicial, diria que minha preparação para adentrar na UNICAMP começou em outubro de 1967, quando, num final de tarde, fui procurado pelo Prof. Geraldo Vicentini, nos laboratórios do Instituto de Química da Universidade de São Paulo, onde completava minha graduação.

Na oportunidade, recebi o convite para iniciar, no ano seguinte, as atividades, em uma nova Universidade com sede em Campinas. Fiquei sabendo, na ocasião, que o Prof. Geraldo desempenhava as funções de Diretor Associado do Instituto, onde, segundo sua exposição, se pretendia fundar uma grande escola de Química.

Conheci, nessa oportunidade, vários nomes desses pioneiros, que tinham à frente os Profs. Zeferino Vaz, como Reitor, e Giuseppe Cilento, que já exercia, desde fevereiro daquele ano a função de Coordenador do então Instituto Central de Química da Universidade Estadual de Campinas, este um cientista de renome, que, como aluno, já admirava. Não vacilei, aceitei o convite diante da seriedade da apresentação dos fatos, e bem recentemente, por razões bastante particulares, passei a entender que o acaso não existe.

A UNICAMP, como é de conhecimento público, foi criada em 1962 e, em 1967, acontecera o primeiro Vestibular para Ciências Exatas, sendo que a Faculdade de Medicina já funcionava desde 1963, com uma Reitoria, ocupando algumas dependências da Maternidade de Campinas.

Em março de 1968 vim a Campinas pela primeira vez, conhecendo, particularmente, o Prof. Zeferino Vaz, na então nova Reitoria, no antigo Colégio Bento Quirino, à rua Culto à Ciência, onde hoje funciona o Colégio Técnico da UNICAMP. De lá, dirigi-me à rua 14 de dezembro, ao antigo Ateneu Paulista, que se tornara o Colégio Aníbal de Freitas,

e que mais tarde deixaria o local onde hoje estão instalados prédios de apartamentos.

A Universidade usava parte do Colégio, sendo que no térreo havia um amplo laboratório de Química; no primeiro andar estava a Física e no seguinte existia um enorme anfiteatro, onde ouviríamos, naquele dia, uma empolgante aula inaugural do Prof. Zeferino Vaz.

As atividades acadêmicas do Instituto resumiam-se em aulas teóricas e práticas a todos alunos das Ciências Exatas. No anfiteatro, o professor comunicava-se através de microfone, em aulas expositivas, porém o uso desta tecnologia às vezes chegava a criar alguns embaraços. As sessões de laboratório aconteciam no térreo, para turmas menores, onde os alunos recebiam suas aulas em periodicidade quinzenal. Havia, na época, competição desenfreada entre os alunos, pois as notas decidiam a escolha da carreira, que, quase na totalidade, era dirigida às Engenharias.

O corpo docente trabalhava, na sua totalidade, em tempo parcial, realizando viagens semanais a Campinas, daí advindo a conotação jocosa de "professores taxistas". As exceções eram Pedro A. Howart e eu, que compríamos os trabalhos de teses no Instituto de Química da USP, porém o primeiro deixou a UNICAMP brevemente.

Em setembro de 1968, conheci Jayr de Paiva Campello, quando fomos entrevistados por uma Comissão de Contratação na Secretaria da Fazenda em São Paulo. Desta maneira Jayr juntava-se ao mingüado número de professores em tempo integral.

No ano seguinte, algumas contratações em tempo integral foram feitas e, devido à premência de espaço, as aulas foram deslocadas para o campus, em Barão Geraldo. O transporte era feito em ônibus fretado, ocorrendo o acesso aos prédios através de uma estrada de terra, que começava bem em frente dos portões da Fazenda Rio das Pedras, o que, em dias chuvosos, aumentava incrivelmente as dificuldades para se atingir o campus.

As aulas de laboratórios de Química Geral eram ministradas pela manhã, no Colégio, e, à tarde, as aulas teóricas aconteciam nos prédios onde hoje funciona a administração geral da UNICAMP. Outras atividades didáticas do Instituto tinham lugar no próprio Colégio, na rua Culto à Ciência, onde funcionavam a Matemática, o Laboratório do Prof. Lates e a Computação. Nesta época também havia disciplinas de reposição no período noturno, em ambas as instalações.

No início de 1970, transferi-me definitivamente para Campinas e, paralelamente, o Instituto deixava, como grande parte da Universidade, as primeiras dependências e se ins-

* Homenagem prestada ao Prof. Dr. Giuseppe Cilento em 16 de Outubro de 1986.

talava no campus. No início, o Instituto fora alocado provisoriamente em instalações onde hoje funciona a Engenharia Mecânica. Lá eram ministradas as aulas de laboratório e as aulas teóricas, nos prédios conhecidos na época como Ciclo Básico.

As atividades de pesquisa em produtos naturais, já iniciadas, foram então ampliadas, e nossa associação com o colega Yoshitaka Gushikem, recém-doutorado provindo da USP, fazia surgir a primeira e frutífera linha de pesquisa em Química Inorgânica do Instituto envolvendo os lantanídeos. Em novembro daquele ano defendi a tese de Doutorado, que veio abrir o livro de teses deste Instituto, fato que se repetiria nove anos mais tarde, com o concurso de Livre Docência.

O Instituto precisava crescer, e a busca de pesquisadores era uma constante. A falta de doutores em Química foi suprida pela vinda de estrangeiros, já em 1970, sendo que uns se radicaram e permaneceram entre nós, outros voltaram aos seus países ou se mudaram para outras instituições.

Em julho de 1971 chegávamos à casa nova, onde permanecemos até hoje, com ampliações das instalações em 1978 e 1979, requerendo ainda um espaço muito maior para satisfazer às necessidades atuais.

Em 1972, foi reconhecido o Bacharelado de Química, o que satisfazia, em parte, o desejo dos alunos, bastante reconhecido por nós, e, após lutas incessantes com outras Unidades, conseguimos, em 1980, acrescentar a opção Tecnológica ao Bacharelado, ampliando assim as oportunidades profissionais do formando.

Já por volta de 1971, o Instituto iniciava, em caráter extra-oficial, algumas disciplinas em nível de pós-graduação, atendendo inicialmente o seu próprio corpo docente, que contava com vários membros que possuíam apenas a graduação. Dados os esforços da administração nesta linha de conduta, em 1974 fomos considerados como Centro de Excelência pelo CNPq. Nesta época, voltada do Pós-Doutorado na Inglaterra, recebendo então a difícil tarefa de preparar o credenciamento da Pós-Graduação no Conselho Federal de Educação. Depois de serem juntadas aproximadamente três dezenas de quilos de papéis ao processo, este foi remetido a Brasília, e num vai e vem de documentos, entrando no trajeto Belo Horizonte e Rio de Janeiro, recebemos o parecer favorável em fevereiro de 1977, com credenciamento nas quatro áreas de especialização: Orgânica, Inorgânica, Físico-Química e Analítica, tanto no Mestrado como no Doutorado. Nós nos orgulhamos de ter o primeiro curso de doutorado reconhecido na UNICAMP.

Falemos um pouco da administração do Prof. Cilento, que foi coordenador do Instituto de fevereiro de 1967 a junho de 1978. Contou com Jayr de Paiva Campello, como Diretor Associado, de junho de 1969 a outubro de 1976. Se hoje homenageamos um presente, lamentamos a perda inesperada de outro, justamente quando, neste último dia 10, completam-se dez anos de sua partida. Rogamos a Deus que nossa homenagem, com permissão, Prof. Cilento, também possa, em parte, ser estendida ao Jayr. Enfocamos estes aspectos para dizer que a administração do Prof. Cilento era antes de tudo, arrojada nas suas pretensões, e de sucesso garantido, graças à visão científica do Coordenador, que se casava plenamente com a logística administrativa do Dire-

tor. Ambos souberam dar as diretrizes de ensino, pesquisa e administração, criando condições para implementação de linhas de pesquisa, através de incessantes buscas de recursos financeiros, dentro e fora da Universidade. No setor interno, foi muito oportuno o aproveitamento tirado do "milagre brasileiro" para a obtenção de aparelhagem de grande porte, que ainda subsistem, as duras penas, até hoje.

Devemos lembrar o primeiro Projeto FINEP, em 1975, que, dadas as opções tecnológicas ou de recursos humanos, decidiu-se pela segunda, marco importante no norteamento dos destinos da pesquisa no Instituto. Bastante discutido foi o Projeto PNUD, (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), porém, não devemos esquecer que propiciou condições para que o Instituto de Química da UNICAMP tivesse projeção e reconhecimento internacional, além de possibilitar trocas contínuas de pesquisadores, e, como nós sabemos, a pesquisa necessita muito deste tipo de atividade.

No sentido de dar condições à pesquisa, nunca esqueçamos a importância da biblioteca. Se hoje ela tem um acervo invejável, colocando-se como uma das melhores do país, isto se deve a um trabalho pioneiro, além de contarmos com as condições propícias para receber, em 1972, parte de uma biblioteca de Nova York, quando foram completadas coleções e outras novas adicionadas às já existente. No sucesso desta transação, destacamos a participação efetiva do Reitor Prof. Zeferino Vaz e do já também falecido, Prof. Sérgio Porto, então Coordenador dos Institutos. Por outro lado, saudosamente recordamos o almoxarifado do passado, esteio da pesquisa e do ensino.

Áccio Pereira Chagas sucedeu ao Jayr, na Direção Associada, passando a Diretor quando o Prof. Cilento desligou-se da UNICAMP. Em sua administração, a nuvem negra da intervenção cobriu nossa Universidade. Neste ato arbitrário, vários Diretores foram afastados de suas funções, inclusive o nosso. Professores, alunos, funcionários reagiram de imediato, numa clara demonstração de repúdio à ação imposta. O mesmo ocorria simultaneamente em outras Unidades desta Universidade. Em pouco tempo, com raras exceções, os diretores voltavam a desempenhar suas funções. Porém, esta intervenção deixou marcas profundas e que tingiram de escuro as colorações claras, de tonalidade suaves, de sua primeira vintena, como está bem estampado no seu cartaz comemorativo. Aqui iniciamos os primeiros entendimentos com a Secretaria da Receita Federal de São Paulo, que culminaram em um convênio assinado na administração seguinte: o gerenciamento de um laboratório de análises, no porto de Santos, e que se mantém até hoje, onde também participei em sua implantação. Este fato reflete o alto grau de reconhecimento do potencial científico adquirido pelo Instituto no campo de pesquisa e ensino.

O corpo docente de agora difere muito pouco de dez anos atrás, tendo crescido apenas 20%. O encorajamento de associação de pesquisadores foi grandemente incentivado no passado no intuito de facilitar a obtenção de recursos, expediente que alcançou grande sucesso. A vinha de estrangeiros, o choque e a troca de idéias contribuíram para o engrandecimento do Instituto. Este corpo docente, que se distribuía em dois Departamentos iniciais, agora se ajusta para cobrir as quatro áreas clássicas da Química.

O binômio ensino-pesquisa compõe a parte dinâmica da Universidade, sendo seus alicerces assentados numa infraestrutura que permite fluir o progresso das idéias. O aluno é parte integrante desta dinâmica: com ele aprendemos e com ele ganhamos. Quando falamos em pesquisa, devemos ressaltar a importância da nossa Pós-Graduação, que vem atendendo a um número invejável de estudantes, inclusive do exterior, sendo reconhecidamente incentivada por órgãos financiadores, contando, ainda, com recursos provenientes de convênios assinados com empresas públicas e privadas.

A formação de recursos humanos foi e deve ser a linha

mestra a ser seguida pelo Instituto. Com esta filosofia, temos condições de buscar o desconhecido sem o compromisso dos resultados pragmáticos, que às vezes podem ser desestimulantes. Que este efeito em cadeia na formação de recursos humanos se propague para os nossos formandos e os formandos dos nossos formandos, indefinidamente.

Dispensar pouca atenção ao ensino e à pesquisa é esquecer as origens deste Instituto e a forma pela qual foi planejado. Na busca do propósito de torná-lo reconhecido pela comunidade nacional e internacional, teve participação relevante o nosso homenageado de hoje, o Prof. Cilento.

ASSUNTOS GERAIS

A AVALIAÇÃO DOS PESQUISADORES EM QUÍMICA

Gouvan C. de Magalhães

Prof. do Departamento de Química da Universidade Federal do Ceará

Recebido em 19/2/86

Aceito em 5/11/86

Ao revelar recentemente o excelente artigo de João Batista Araújo e Oliveira (1) ocorreu-me fazer algumas considerações sobre a avaliação do pesquisador em Química.

Araújo e Oliveira em certa altura, no referido artigo, diz o seguinte: "Em ambientes mais desenvolvidos e estáveis, em termos científicos, a cultura parece agir dentro de uma lógica que informa o sentimento: ajudo porque gosto, mas gosto porque é competente. Gosto e avaliação vêm juntos. Em culturas onde múltiplos critérios agem simultaneamente, e onde outros fatores compõem o quadro de instabilidades institucionais, como na brasileira, essas duas categorias são dicotomizadas: gostar nem sempre está ligada a considerar competente, mas os dois critérios pesam na avaliação".

Confrontando esse pensamento de Araújo e Oliveira com o que tem acontecido na área da Química, acreditamos que a falta de critérios objetivos para gostar tem sido dominante.

Há, por exemplo, pesquisadores classificados inexplicavelmente pelos comitês assessores (CA) do CNPq como bolsistas de pesquisa nos níveis mais altos (I-A), e há outros pesquisadores, consagrados por anos de serviços prestados, classificados em níveis que os desmerecem.

O mesmo tem se dado em relação aos auxílios para financiamento à pesquisa. Sabemos de pessoas ou grupos, que receberam, por exemplo, centenas de milhares de dólares para pesquisar, e ao examinarmos o "curriculum vitae" das

pessoas ou grupos beneficiados ficamos estarecidos com a coragem dos financiadores. Ao procurarmos saber os resultados obtidos com tais financiamentos, deparamo-nos com nenhum resultado, zero de publicações, zero de patentes.

Seria necessário que o CNPq desse conhecimento público, com ampla divulgação dos nomes dos bolsistas, da instituição, dos seus respectivos níveis e o que é mais importante, que divulgasse os critérios adotados na seleção.

Seria também saudável que a FINEP esclarecesse os critérios adotados para o financiamento às pesquisas e que divulgasse os resultados obtidos com as pesquisas financiadas.

Sabemos que critérios de avaliação para a atividade científica é coisa difícil de estabelecer, mas para que haja seleção é mister dispor de critérios.

Sabe-se que a cultura dominante na nossa sociedade é permeada por mecanismos autoritários, patriarcais, onde os interesses pessoais se impõem e onde, "líderes" se apropriam dos aparelhos administrativos para satisfazerem seus projetos pessoais, mesmo nos órgãos governamentais destinados a gerar a educação e pesquisa.

Algumas vezes o processo de seleção de assessores resulta em grande perda para a comunidade científica, pois o indivíduo premiado pela escolha (pescado) sente-se de tal maneira privilegiado pelo sistema que se auto-exclui da comunidade e adere incondicionalmente ao aparelho técnico-burocrático.